



POR QUE COLHERAM MINHA INOCÊNCIA?

Why they reaped my innocence?

Mirian Rejane Flores Cerveira¹

Resumo

O presente artigo traz relatos de vivências femininas ocorridas no cotidiano, lugares comuns, com pessoas comuns, onde esperam por alguém que tragam soluções para que seus gritos possam ser gritados em alto e bom som e a lágrima não precise ser engolida, juntamente com a dor. Narrativas de experiências dolorosas, onde o descaso é o aliado número um do abuso, onde abusar e ser abusado já faz parte do contexto da comunidade, o agressor e o agredido convivem pacificamente, onde o agressor também exerce o papel de protetor.

Palavras-chave: Abuso. Violência. Inocência.

Abstract

This article brings female vivências reports occurred in the everyday, ordinary places with ordinary people where waiting for someone to bring solutions to their cries can be shouted in loud and tear need not be swallowed along with the pain. Narratives of painful experiences, where the neglect is the ally a number abuse, where abuse and be abused already part of the community context, the aggressor and the aggressed coexist peacefully, where the offender also plays the role of protector.

Keywords: Abuse. Violence. Innocence.

Considerações Iniciais: A Gaveta Secreta

Muitas pessoas têm segredos guardados por anos, guardados a sete chaves e às vezes até colocam a chave fora para não correrem o risco de serem descobertas. Estes segredos podem ser fatos ocorridos, desejos de alguma coisa que não tiveram ou uma história que não foi bem resolvida ou não teve um final muito feliz.

Eu e uma de minhas três irmãs, quando éramos crianças, tínhamos uma árvore em frente de nossa casa, que brincávamos todos os dias; era um enorme pé se seringueira,

¹ Licenciatura em Pedagogia com Ênfase em Ensino Religioso - UNISINOS-SL/RS. Especialista em Diversidade para Educação pela UFRGS – Porto Alegre/RS-2014. Mestranda em Religião e Teologia – Faculdade EST - SL/RS. Professora da Rede Municipal de Sapucaia do Sul – RS.

nosso pai plantou uma pequena muda e em poucos anos tornou-se uma frondosa seringueira, com muitos galhos e uma copa bem fechada.

Minha irmã me disse certo dia, que ela tinha uma gaveta lá em cima da árvore, mas bem no alto, muito alto, que ela guardava as coisas que ela queria esconder de todo mundo, lá só ela ia e só ela poderia abrir e fechar a gaveta com segurança, podendo assim ficar escondidinho coisas que não queria mostrar a ninguém.

Disse a ela que havia ido bem ao alto e não tinha encontrado gaveta alguma, então sua resposta ao meu questionamento foi que como eu era mais nova que ela, portanto bem menor, eu não conseguia subir até onde ela conseguia; por isto eu não conseguia ver a sua gavetinha secreta.

Pensei então: Se ela pode ter uma gaveta secreta, lá em cima de nossa árvore, eu posso ter a minha também, em uma altura que eu alcance e enxergue, assim inventei minha gavetinha secreta também.

Todas as coisas especiais que nós queríamos guardar no coração inventávamos que estavam guardadas na gavetinha secreta.

Esta árvore era meu tesouro, por toda minha infância brinquei nela igual o “Zezé” do “Meu Pé de Laranja Lima”, ela sabia todos meus segredos, desejos e frustrações.

Porém; um belo dia meu pai resolveu cortá-la, pois suas enormes raízes haviam quebrado o muro causando prejuízo a ele. Foi muito doloroso para mim, ver aquela minha “amiga” ser destruída de qualquer jeito por uns homens que foram metendo o machado nela, e num instante nossas gavetinhas secretas foram destruídas, sem dó nem piedade.

Em nossas vidas, isto frequentemente acontece, temos nossas gavetas secretas, e é importante que elas sejam abertas, para podermos resolver questões que podem nos atrapalhar em nosso crescimento e nossas realizações pessoais em busca de nossa felicidade.

Mas é muito importante sabermos abrir estas gavetas, pois se metermos o machado e formos abrindo na força, poderemos nos magoar e magoarmos pessoas que amamos e que nos são mui caras; precisamos ajuda de profissionais para que estas gavetas sejam abertas, com carinho e sabedoria, assim, traumas serão superados e poderemos atingir nossos objetivos rumo à felicidade.

As narrativas que trago a seguir é uma tentativa de superação de traumas, onde muitas gavetinhas secretas estão sendo abertas, com respeito, atenção e carinho.

O presente artigo traz relatos de vivências femininas ocorridas no cotidiano, lugares comuns, com pessoas comuns, onde esperam por alguém que tragam soluções para que seus gritos possam ser gritados em alto e bom som e a lágrima não precise mais ser engolida, juntamente com a dor.

Narrativas de experiências dolorosas, onde o descaso é o aliado número um do abuso, onde abusar e ser abusado e abusada já faz parte do contexto da comunidade, o/a agressor/a e o/a agredido/a convivem pacificamente, onde o/a agressor/a também exerce o papel de protetor/a.

O título dado a este artigo é: “Por Que Colheram Minha Inocência?” Colher no sentido de arrancar e recorro ao dicionário Aurélio² para melhor compreensão da força desta palavra.

Arrancar = tirar ou separar. Extrair com mais ou menos força. Extrair com violência. Desarraigar. Desenraizar. Conseguir obter algo a custo de insistência ou importunação.

² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Dicionário da Língua Portuguesa*.

Teremos duas narrativas de pessoas do gênero feminino que enfim conseguiram abrir suas gavetinhas secretas e denunciar suas agressões/abusos, em forma de desabafo na tentativa de cura de suas memórias ou em busca de ajuda, num pedido de socorro.

O primeiro caso foi um amigo da família. Ninguém viu/nunca contou a ninguém e assim tentou seguir seu caminho, com muita mágoa e raiva.

O segundo caso foi o padrasto. A mãe incentivava, via e não fazia nada, fingia que estava tudo bem, pois lhe era cômodo, ficou sabendo, pois a filha pedindo ajuda conta para equipe de professores, a mãe na tentativa de fuga culpou a filha. Estes dois casos fazem de meu cotidiano e logo veio em minha mente a seguinte indagação: Por quê???

Por quê?

Aquela pessoa fez isto?

Por quê?

Fez com esta pessoa?

Por quê?

Ninguém viu?

Por quê?

Ninguém tomou uma atitude?

Ao longo da vida o ser humano tem muitas indagações existenciais a respeito de Deus e sua existência, como o porquê da dor, da guerra, da doença, da fome e da morte.

Como se todas estas questões e dúvidas não fossem suficientes, vem à tona a questão que se tenta esquecer, como que se pudesse ser apagado da história, fatos escritos com tinta de sangue, onde por mais que se tente rasgar, picar, deletar/apagar o fato ocorrido; em algum momento, voltará a memória e a mágoa, a cicatriz daquela ferida que foi estancada, jamais será apagada totalmente.

Para proteção das narradoras destas histórias de vida, cada uma delas escolheu para si um codinome e justificou o porquê desta escolha, pois quando recebemos um nome ao nascer significa que fomos acolhidos em nosso doce Lar, mas estas pessoas em algum momento de suas vidas, não se sentiram acolhidas e amadas, então se propõem a escolha de outro nome na tentativa de não expô-las e deixá-las mais a vontade.

Teremos a narrativa de uma colega professora da mesma Rede de ensino que eu trabalho, esta professora escolheu ser chamada por Elisabete, ou simplesmente Elisa, por achar que é nome de rainha, mas confessa que não se sentiu nem um pouco rainha, mas sim como uma plebeia, mal cuidada e sem nenhuma proteção; nos reportamos aos anos 60, não me revelou sua idade, mas disse que nasceu nos anos 60, mais precisamente no único ano da história da humanidade em que o ser humano pisou na lua, só por este fato, já deveria ser tratada como rainha, porém isto não aconteceu.

Nasci em uma família muito grande, meus pais foram os melhores pais onde poderia nascer uma criança, fui a número cinco de seis filhos.

Meus pais trabalhavam muito para dar conta de cuidar, alimentar, sustentar toda aquela criançada, que comiam muito e precisavam de muitas roupas e calçados.

Foram tempos difíceis, era a Ditadura Militar, a inflação era galopante e todo dia os preços dos alimentos subiam... Mas não nos faltava amor, carinho, diálogo e companheirismo entre os irmãos e em toda a família. Nunca vi meus pais brigarem, eles são o maior exemplo de amor e abnegação que já conheci em toda minha vida.

Éramos crentes, evangélicos praticantes, aqueles bem crentões, que ia o pai a mãe e todos os pintinhos à igreja todos os dias, a vida era bela e maravilhosa, pensava eu aos meus seis anos de pura inocência, brincávamos de bola de gude, pneu, carrinho, casinha,

pipa, funda, enfim, todos as brincadeiras comuns da época, no verão à noite, percorríamos todo o quarteirão, eu, meus irmãos e toda criançada da rua, brincando de soldado-ladrão, pega-ajuda e tudo de bom que uma criança pode querer.

Era perfeito demais para ser verdade. “Lar-doce-lar” ou “Lar não tão doce assim”.

Meu pai era e ainda é um homem bom, íntegro e ajudador, houve então na igreja que frequentávamos na época um mutirão, que era muito comum, para arrumar o telhado da igreja, e o bom homem lá foi ajudar, com ele a turma de pintinhos e minha mãe para fazer comida para os trabalhadores.

Faz muito tempo que esta história aconteceu, mas seguidamente vem em minha mente como um filme que assisti recentemente e é como que ontem que tudo ocorreu...

Após um turno de trabalho, sumiram todas as crianças, foram para a escola, só eu ainda não ia à escola e meu irmão menor (por isto lembra que não tinha sete anos ainda), aquela pintinha inocente e educada.

Subi ao telhado da igreja para bisbilhotar, pois tinha uma grande escada e todas as crianças subiam, e um dos pedreiros, “irmão” conhecido, estava lá encima e me convidou para sentar em seu colo... Chamávamos todos os adultos de tio e tia... Sua voz ressoa em meus ouvidos cada vez que lembro desta história (lágrimas brotam em seus olhos e sua voz engasga, espera um pouco e continua). Fiz anos de terapia para tentar esquecer este episódio de minha história, mas nunca consegui falar sobre isto ao terapeuta; Prof. tu és a primeira pessoa que consegui contar, acho que está na hora de exorcizar e esquecer esta história, afinal faz tanto tempo que isto aconteceu, mas seguido me pego a lembrar, pois foi forte demais, aquele homem me convidou para sentar em seu colo e ainda disse: Abre bem as perninhas, e adivinha onde aquele homem mal e nojento colocou aquele dedo horroroso dele? Exatamente! No meu órgão genital, tão pequenininho e inocente, que horror, pavor, terror, temor, todos os sentimentos ruins que existe eu senti naquele momento. Para Jô Ramos³ “muitas vezes o abuso ocorre fora de casa, como por exemplo, na casa de um amigo da família, na casa da pessoa que toma conta da criança, na casa do vizinho, de um professor ou mesmo por um desconhecido.”

Mas que bom que Deus existe e é real, não sei se chegou alguém, até hoje não sei o que aconteceu, acho que foi um anjinho o meu protetor que apareceu, sei que de súbito consegui pular de seu colo e saí correndo, não sei como consegui descer aquela enorme escada, sei que nunca mais voltei lá, não contei para meus pais, pois achava que levaria uma surra, nem contei para meus irmãos que eram bem mais velhos que eu e certamente contariam aos meus pais e ficaria uma situação constrangedora, não escaparia de uma bela surra. Para José Antônio Daltoé Cezar⁴ “Esse procedimento para a escuta da criança faz com que ela se sinta culpada indevidamente, o que gera riscos para seu desenvolvimento e para a validade do seu testemunho.”

Cresci, casei com um homem maravilhoso, tive meus filhos e o tempo passou, mas a marca daquele dia ficará para sempre em minha memória, só tive coragem de contar para ti, pois sei que vou ficar mais leve e isto pode ajudar a mudar algumas coisas em minha vida, pois sou muito insegura.

Realmente não culpo meus pais por este descuido, mas aquele homem horroroso, jamais perderei e o que me manteve viva e fui atrás dos meus sonhos é que acredito e tenho fé em um Deus maravilhoso que me provou que me amava e que a graça, a sua graça é melhor que a vida. A graça, o favor não merecido, que você explicou em uma reunião de

³ RAMOS, Jô. *A Mulher e seus Direitos*. Rio de Janeiro: Z & L Editora, 2013.

⁴ CEZAR, José Antônio Daltoé. *Depoimento sem Dano*. Porto Alegre: livraria do advogado editora, 2007.

professores, esta que me salvou, e aquele texto também que você leu, lembra? que diz “quero trazer a memória algo que me dá esperança, como é bom conhecer ao Deus de amor.” Me apego às boas lembranças e hoje sou feliz e realizada, tanto profissionalmente quanto na vida familiar.

Através do relato de vida de Elisabete, constatamos que os fatos ocorridos na infância e adolescência deixam marcas, cicatrizes eternas, mas ainda assim podemos construir uma nova história e dar um novo sentido para nossa vida.

“No Brasil, o abuso sexual como atitude violenta contra a criança e o adolescente ganhou maior visibilidade e importância nas últimas décadas, com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990”.⁵

As principais consequências para as crianças, segundo Cláudia Bruscatin Schwantes⁶, são:

Confusão – A criança pode achar que é normal porque o abusador disse que é, mas é confuso porque ele também falou para não contar para ninguém.

Culpa – Por não ter feito nada para parar o abuso; porque às vezes podia sentir algo bom; sentia que recebia coisas especiais por fazer aquilo; acha que fez algo para que o abuso acontecesse; é tão má que mereceu o abuso.

Medo – De ter sofrido um dano físico irreparável; de ser descoberto pelos outros; de que só de olhar para ele saberão que é mau.

Raiva – Do abusador; de si mesma, por não parar o abuso, ou por gostar; do pai/mãe que não a protegeu de ser abusada pelo pai/mãe; pode parecer uma criança passiva e submissa, mas está explodindo por dentro; pode descarregar sua raiva maltratando animais ou crianças menores.

Perda da confiança – Nos pais; nos adultos.

Os psiquiatras da infância e adolescência podem ajudar crianças abusadas a recuperar sua autoestima, a lidar melhor com seus eventuais sentimentos de culpa sobre o abuso e a começar o processo de superação do trauma. O abuso sexual em crianças é um fato real em nossa sociedade e é mais comum do que muita gente pensa. Alguns trabalhos afirmam que pelo menos uma em cada 5 mulheres adultas e um em cada 10 homens adultos se lembram de abusos sexuais durante a infância.

Nossa segunda narrativa é de uma aluna que veio me procurar para me dizer que estava com notas baixas porque não tinha cabeça para estudar, suas palavras passo a narrar, Monalisa, 14 anos, o nome que escolheu para si, escolheu este porque disse que as professoras diziam a ela que era parecida com a Monalisa. Realmente era. Mona, como quis ser chamada, é linda!!! Filha mais velha de três filhos, não sabe direito quem é seu pai, pois sua mãe engravidou de um namorado aos 16 anos, conviveu mais com o pai da sua irmã do meio e agora a mãe vive com o pai de seu irmão que tem 7 anos e é autista. Para Daltoé-Cezar⁷ “o acolhimento da criança e da sua dor, em um ambiente tranquilo e lúdico, é a base para um bom resultado.”

Mona me conta que seu padrasto sempre fazia umas carícias estranhas nela, mas ela achava que poderia ser normal visto que ele não tinha filha mulher e dizia que gostava dela e da irmã como se fossem suas filhas.

⁵ RAMIRES, V. R.; FRONER, J. P. A escuta da criança nas situações de abuso sexual intrafamiliar. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). *A criança fala: A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Editora Paidéia, 2008. p. 267.

⁶ SCHWANTES, Cláudia Bruscatin. *Abuso Sexual Infantil – Super necessário saber...* 2010. Disponível em: <<http://esperanca.com.br/2010/04/22/abuso-sexual-infantil-super-necessario-saber/>>.

⁷ CEZAR, 2007.

Conta que na sua casa só tem a cama de casal e ela e os irmãos dormem no chão em colchões que durante o dia são recolhidos. Acontece que muitas vezes os filhos acabam dormindo na cama antes da mãe e do padrasto que mais tarde deitam ao lado das crianças, passando a noite assim todos em uma só cama, e foi aí que o padrasto começou a aprofundar as carícias. Para a Dra. Miriam Tetelbom⁸, “o incesto pode ocorrer em até 10% das famílias. Os adultos conhecidos e familiares próximos, como por exemplo, o pai, padrasto ou irmão mais velho, são os agressores sexuais mais frequentes e mais desafiadores.”

Em uma destas vezes que o padrasto passou da conta nas carícias, ela contou para a mãe que tinha tentado com muita força ir para cima dela enquanto a mãe dormia e foi difícil sair, a mãe a xingou e disse que quem estava passando dos limites era ela. Isto começou a ser comum e a mãe incentivava, às vezes mandava a menina ir fazer carinho nele porque ele estava muito estressado e que só com ela ele se acalmava. Monalisa estava apavorada porque pegou ele penteando o cabelo da irmã (12 anos) que havia saído do banho e estava enrolada na toalha. Quando perguntou o que ele estava fazendo, ele respondeu que estava ensinando a sua irmã a ser mulher. Conforme Jô Ramos⁹ “o abuso sexual às crianças pode ocorrer na família, através do pai, do padrasto, do irmão ou outro parente qualquer.”

Ela contou para mim pedindo ajuda, conversamos com a orientação e a mãe foi chamada, onde negou tudo e disse que era tudo coisa da cabeça da menina, que seu marido era um ótimo pai. O conselho Tutelar foi acionado e ela foi chamada para um esclarecimento, onde novamente negou dizendo que era invenção da menina. O tempo todo sua mãe negava e dizia que era mentira, até que Mona chegou um dia na escola e veio me contar que seu padrasto tinha ido embora. Eu perguntei; então enfim tua mãe acreditou em ti, ela baixou a cabeça envergonhada, não... Não sei o que minha mãe tem na cabeça, é porque ele descobriu que ela está grávida de outro homem, então ele fez mal pra minha irmã e sumiu, a mãe estava a tempo estimulando para ele realmente finalizar com uma das meninas para ter uma boa desculpa, é totalmente inconsequente e as filhas que sofrem. |

Considerações Finais

|Enquanto profissionais da área da educação, estamos fazendo nossa parte de acolhida e encaminhamento, mas isto ainda é muito pouco diante da dimensão do caos que se instala na falta de estrutura nas famílias Brasileiras.

Os autores pesquisados para elaboração deste artigo são unânimes em ressaltar que a atitude do profissional frente aos fatos apresentados não deve ser julgadora ou punitiva, mas sim proporcionar uma relação de confiança (vínculo) que ajudará no acompanhamento deste ser hora tão fragilizado. |

Referências

|CEZAR, José Antônio Daltoé. *Depoimento sem Dano*. Porto Alegre: livraria do advogado editora, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Dicionário da Língua Portuguesa*.

⁸ TETELBOM, Miriam. Psiquiatra de crianças e adolescentes com caso de abusos.

⁹ RAMOS, 2013.

RAMIRES, V. R., FRONER, J. P. A escuta da criança nas situações de abuso sexual intrafamiliar. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). *A criança fala: A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Editora Paidéia, 2008.

RAMOS, Jô. *A Mulher e seus Direitos*. Rio de Janeiro: Z & L Editora, 2013.

SCHWANTES, Cláudia Bruscahin. Abuso Sexual Infantil – Supernecessário saber... 2010. Disponível em: <<http://esperanca.com.br/2010/04/22/abuso-sexual-infantil-super-necessario-saber/>>.

TETELBOM, Miriam. Psiquiatra de crianças e adolescentes com caso de abusos.